SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO
ANO XXXVI
Maio de 1980
Número 416
Avulso: Esc.: 10$00

Mensário Escotista Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 LISBOA

JUVENTUDE É FORÇA

por Eduardo Ribeiro

Por ocasião das férias da Páscoa, a avidez de lucro de qualquer agência de viagens encaminhou milhares de rapazes e raparigas estudantes para a zona espanhola de Torre de Molinos, nas costas ou no desinteresse das autoridades académicas. O que aí aconteceu foi profundamente lamentável e parece não ter ficado devidamente esclarecido. Mas a rapaziada, livre de toda a disciplina, liberta de obrigações e conveniências, cometeu uma série de desatinos e provocou grande escândalo e algumas mortes.

Mais recentemente, um rapaz, tido por bem comportado e bom companheiro, assaltou com incrível facilidade um avião das carreiras domésticas e forçou a tripulação a desviá-lo para Madrid.

Com exagerada frequência, outros jovens assaltam bancos, estações de correio, repartições de finanças e, exibindo coragem indomável só ultrapassada pela audácia, arrancam milhares de contos dos cofres, indiferentes ao risco, até de morte, que tão arrojadas operações comportam.



Se traçarmos uma linha através de todos estes acontecimentos, encontraremos um denominador comum: forte dose de energia, impetuosidade, explosão de força.

Senão, vejamos o caso de Torre de Molinos. Rapazes e raparigas muito jovens, levando uma vida normal, sujeitos a disciplina familiar e escolar, vêem-se donos dos seus actos, livres de qualquer tutela, e extravasam todo o vigor de que estão possuídos e explodem em actos estúpidos.

Reconheçamos ainda que os assaltos, mau grado a sua criminalidade, são actos corajosos, cheios de arrojo, que exigem presença de espírito, destemor, temeridades empreendidas com manifesto desprezo da vida.

Desta rápida análise, podemos concluir que juventude é força, energia, mas, como toda a força, incontrolada é extremamente perigosa. O fogo, uma das mais extraordinárias descobertas, transformou na antiguidade a vida humana. Mas esse mesmo fogo, quando indomado e incontrolado, é perigosa força, destrói vidas e propriedades, devora o que de mais belo há na natureza.

A sociedade é governada por adultos, devemos confessá-lo. São estes que estabelecem os parâmetros em que a vida social se desenrola. Fazem as leis; governam; limitam; proíbem; facilitam; exigem; tributam. Os novos não participam em qualquer destas operações, mas sofrem-nas. Pior que tudo, os adultos não dão lugar aos novos. Se estes enveredam pelo estudo, os cursos secundários decorrem sofrivelmente. Mas, depois, vêm as barreiras, as dificuldades artificialmente criadas e, como não há qualquer apoio, os alunos desprovidos de recursos não conseguem vencê-las, são forçados a desistir. Surge então o aflitivo problema do primeiro emprego, barreira ainda mais difícil do que o ingresso na Universidade. As cartas que tantos jovens escrevem a pedir apoio são pungentes. Há situações críticas. Particularmente na província, há casos dolorosos. Jovens que atingem a maioridade e não têm modo de vida. Nem estudam nem trabalham e não têm recursos. Fogem para as grandes cidades, onde a situação piora porque só lhes são proporcionadas oportunidades para tudo aquilo que é condenável. Surge o desespero, a revolta, esta impulsionada pela energia incontida na alma da juventude e, a partir daí, tudo é possível.

continua na pág. 2

continuação da pág. anterior

É imperioso dispensar a mais inteligente atenção aos problemas da juventude. Não podemos ficar pela simples condenação dos desvarios praticados. Têm de ser proporcionadas aos jovens oportunidades. O estudo deve ser facilitado e orientado. Há que aproveitar e dirigir a energia latente em cada jovem. O problema do primeiro emprego exige resolução eficaz. Deveria regulamentar-se o acesso ao trabalho. Talvez as grandes empresas devam ser motivadas para admitirem anualmente determinada percentagem de praticantes, aprendizes e estagiários. Outro tanto deveria acontecer com os organismos do Estado. Nunca por nunca se deveria permitir um jovem inactivo.

É perder trabalho, desperdiçar energia, esbanjar força, que irá ser aplicada noutras actividades já que *a ociosidade é a mãe de todos os vícios.*

Mas a força não precisa apenas de ser aplicada. Carece também de ser dirigida para um objectivo, exige um alvo em que se projecte. Surge aqui o problema da formação, relativamente fácil porque a juventude é generosa, pronta para as grandes obras. Se se desvia para a delinquência é por defeito, por falta de ideal. O ideal é sempre o grande impulsionador da vida do homem. Dizia Mota Sobrinho, erudito pastor evangélico, que *homem sem ideal é qual um barco sem bússola e sem leme, atirado para o "mare-magnum" da vida, sem destino, sem rota segura.* O ideal constitui o pólo magnético para o qual aponta o dinamismo existente em cada jovem.

O adolescente é o pai do jovem. É no período da adolescência que se forma a personalidade. Há, por isso, que dedicar todo o interesse à educação do adolescente. Esta é tarefa da Família e da Escola, deverá ser prestada sobretudo pelo exemplo. Não será com pais materialistas, tudo traduzindo por dinheiro; mestres que não vão além de simples funcionários; médicos que ignoram o homem pela avidez do lucro; gente egoísta que só busca a satisfação dos seus apetites, que o adolescente descortinará um ideal, uma forma superior de vida.

A delinquência juvenil é consequente da falta de ideal. Inspirar os jovens, apontar-lhes um alvo, formar o seu carácter, é a grande missão do Escotismo. São jovens formados nesta Escola que por todo o mundo realizam prodígios: rasgam novos caminhos às populações subdesenvolvidas; buscam água para as populações que a não têm; combatem a erosão; ensinam a ler e proporcionam cuidados sanitários. Jovens voltados para o serviço do próximo, com a preocupação de SERVIR, não se desviam do seu alvo. Mesmo em Portugal, onde o Escotismo não atingiu ainda suficiente expansão, os Escoteiros marcam a sua presença em actos de abnegação: na praia da Caparica, arrancam às areias toneladas de lixo que o adulto desleixado ali abandonou. Na formosa Lagoa Azul, teimam em manter limpa a mata circundante. Em Lamego, cuidam e conservam o Castelo, de forma que possa constituir atracção cultural e turística. Os escutas do Porto oferecem o seu sangue. São afinal rapazes como todos os outros, cheios de energia, desejosos de se afirmarem. Somente avançam num sentido diferente, têm um ideal e estão firmemente dispostos a alcançá-lo.

Dizia Baden-Powell: *Há milhares de rapazes que diariamente são perdidos por não formarem o seu carácter. Tornam-se deste modo inúteis, prejudiciais a si próprios e um verdadeiro perigo para a Nação. (...) Este é, portanto, o mais importante objectivo do treinamento escoteiro - - EDUCAR. Não simplesmente instruir (pense bem nisto), mas educar, levar o rapaz a aprender por si próprio e voluntariamente tudo aquilo que possa contribuir para forjar o seu carácter.*

Juventude é força, energia. Como toda a energia precisa de ser aplicada e orientada. Há que apontar um alvo ao dinamismo da gente nova e esse alvo será o seu ideal. Quanto mais elevado for o ideal, mais valiosa será a vida humana.

SEMPRE PRONTO

PROPRIEDADE
Aliança Nacional das ACMs de Portugal
DIRECTOR
Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO
Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR
José Eduardo Pena Ribeiro
COLABORADOR
Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA
Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

R. Saraiva de Carvalho, 97 - 1200 Lisboa
Telef. 60 37 34 - 60 37 78 - 60 36 89

FUNDADO
em 1 de Janeiro de 1945

Assinatura anual: Esc. 100$00

Estrangeiro: Esc. 200$00 — Avulso: Esc. 10$00



CONVÍVIO ESCOTISTA EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O Grupo nº 6 dos Escoteiros de Portugal, de Olhão, participou numa actividade escoteira que se realizou em Vila Real de Santo António, juntamente com as Companhias de Guias de Faro e Olhão, e o Grupo nº 60, daquela localidade.

Os Escoteiros e as Guias visitaram o Quartel dos Bombeiros Voluntários, onde foi feita uma demonstração de ataque a incêndio simulado num prédio de segundo andar, com salvamento dos residentes, operação em que os bravos bombeiros puseram à prova a sua perícia.

A equipa de "homens-rãs" da mesma Corporação, fez depois uma demonstração de socorros a náufragos no Rio Guadiana, que foi presenciada pelos escoteiros e guias, bem como por muito público.

Após o almoço, foi feito um passeio à mata e visitado o Farol, tendo sido apreciado o útil trabalho do respectivo pessoal.

Terminada a visita, os efectivos presentes desfilaram até ao centro da vila, onde se realizou uma festa, em que tanto os escoteiros como as guias manifestaram a sua alegria entoando canções e executando números de mímica.

A actividade foi dirigida pelo Escoteiro-Chefe Regional sr. Alfredo Bandeira Rodrigues e serviu para fortalecer cada vez mais os laços de fraternidade entre a juventude escoteira. — A. J. B.

* * *

Página de Memórias

Em 1921 era eu E. C. do Grupo nº 7 da A.E.P. sediado, havia pouco tempo, na hoje desaparecida Escola Raul Dória, fundada por meu Pai e onde eu ensaiava os primeiros passos na minha longa carreira docente, concluído o meu curso na mesma Escola no ano anterior.

Pelos meus esforços de moço entusiasta se criou aquele grupo, o primeiro que o Porto viu, cidade em que dominava toda-poderosa a União dos Adueiros de Portugal, criação do então capitão Artur Carlos de Barros Basto, a qual eu deixara por imcompatibilidade com este oficial.

Aconteceu que eu travara pouco antes relações de amizade com Alexandre Pinto de Almeida Jor., moço da minha idade, ingressado entusiasticamente no "7", assumindo as funções de E.C.A., com grande aprazimento meu. Pertencia também este moço, hoje falecido há alguns anos, à ACM, e das nossas conversas surgiu o meu interesse por conhecer esta associação, nela me vindo a filiar levado pela mão do Alexandre, "Alex" na linguagem familiar.

Exercia então o cargo de Secretário-Geral um americano, o Snr. Orton S. Clark, homem ainda bastante novo, de elevada estatura, face glabra, de óculos por detrás dos quais se via um olhar vivo e perscrutador, pessoa afável e exprimindo-se em português fluente embora de forte sotaque. Mas o Snr. Clark estava com o pé no estribo, porque fora já transferido para outras funções, se bem me recordo nas YMCA da sua pátria.

A minha entrada na ACM veio a representar na minha vida, já longa hoje, um marco miliário por lhe ter ficado a dever a abertura de novos e vastos horizontes até aí fechados por desconhecidos, e acima de tudo — como há anos referi em palestra proferida nessa mesma ACM 50 anos depois de lá ter entrado pela primeira vez — o conhecimento da *Bíblia* cujo nome apenas eu então não ignorava.

Entretanto, chegou o novo Secretário-Geral pessoa que eu desconhecia e de cuja existência nem sabia — o Snr. Eduardo Moreira. Se as minhas relações com o Snr. Clark haviam sido meramente protocolares, com o Snr. Moreira elas em breve se apertaram e tornaram íntimas, podendo eu afirmar que dele recebi ensinamentos e conselhos jamais esquecidos e muito contribuíram para o complemento da minha formação moral.

Entretanto, em 1922, tive o enorme desgosto de perder prematuramente meu Pai após cruciante doença, pelo que praticamente me encontrei aos 20 anos entregue a mim próprio. Foi uma prova muito dura, mas não me deixei afundar porque lutei e enfrentei corajosamente a vida apesar de ela se me antolhar de mau cariz. Para alguma coisa havia servido ter lido o *Scouting for Boys* e fixado a curiosa anedota das duas rãs caídas num pote de leite.

Poucos meses depois da morte de meu Pai, o seu sucessor na direcção da Escola e sócio da mesma empresa, declarou-me — já não me recordam as peregrinas razões por ele apresentadas — ser necessário acabar com o "7". A minha inexperiência juvenil não me impeliu à oposição a tal ideia, vinda de resto da parte de quem fora meu professor.

Exposto o caso ao Snr. Moreira, ficou este de estudar a melhor maneira de o resolver, e com tanta felicidade que, pouco tempo depois, me disse que o "7" se instalaria na própria ACM. Metera-se uma lança em África! E o "7" para ali se mudou com armas e bagagens e com quase todos os seus componentes, visto lhe faltarem os Escoteiros alunos internos da Escola Raul Dória.

Por razões que me não recordam hoje, a Direcção da AEP comunicou-me que o nº do Grupo deixaria de ser o "7" e passaria a ser o "53". O nosso antigo nº criara raízes fundas na alma dos rapazes pelo que muito sentimos a decisão superior, que não podia deixar de cumprir-se. E o "53" seguiu avante e ovante, vendo o seu contingente aumentado com novas adesões e, pela propaganda dos próprios rapazes e dos amigos simpatizantes, surgiram novos grupos de Escoteiros, animando as ruas do Porto com os seus uniformes caqui e os lenços de cores variadas.

A instalação do "53" na ACM levou-me a frequentar esta com mais assiduidade do que até aí, assim se fortalecendo cada vez mais a minha amizade pelo Secretário-Geral, cujo entusiasmo era comunicativo, cuja palavra era douta, cujo exemplo era edificante, cuja bondade era aliciante.

Recordo com saudade as longas conversas que ambos tivemos naquele acanhado recinto do seu gabinete, conversas que não versavam exclusivamente assuntos ligados às actividades escotistas, mas as transcendiam em muito. Ele era homem profundamente culto e o seu saber não se limitava ao campo religioso, porque se alargava ao da História, da Arte, das Ciências e das Letras. Eu era nesse tempo, quase pré-histórico, um espírito cheio de curiosidade, ávido de saber e conservava sempre bem abertos os olhos da minha inteligência receptiva na ambição de tudo querer conhecer. E nas conversas com o Snr. Moreira, que me ouvia e aconselhava paternalmente, sempre eu recolhia algo de novo que ia enriquecer o meu património espiritual, daqui surgindo, por um lado, a minha frequência assídua da biblioteca da ACM, e por outro lado a assistência às conferências e palestras realizadas nesse amplo salão, tão meu conhecido, onde eu não poderia então sequer conceber que 50 anos mais tarde — meio século! — também ali subiria para falar de Escotismo. Nesse salão ouvi ou apenas vi alguns homens eminentes do Evangelismo português, como o venerando Diogo Cassels, carregado de anos, Henrique Maxwell Wright, de palavra tão suave e insinuante, Roberto Moreton, o suíço Rodolfo Horner e outros de menor projecção entre os quais saliento Raul Gonçalves, bom e dedicado amigo, e José A. Fernandes, pena brilhante de jornalista culto e combativo.

Levou-me a minha curiosidade à frequência dos Cursos Bíblicos, onde eu ouvia atentamente e deliciado a palavra eloquente do Snr. Eduardo Moreira.

Com o assentimento deste bom e já então querido Amigo, iniciaram-se cursos de preparação para as provas de 3ª, 2ª e 1ª classes escotistas conforme os regulamentos da AEP, cursos frequentados por rapazes cheios de entusiasmo, um dos quais viria, muitos anos mais tarde, ser figura de alto nível no Pensamento português e na cátedra universitária, o Prof. Delfim Santos, então jovem de 18 anos e modesto estudante liceal.

Dei a minha melhor colaboração a esses cursos como a dei também a algumas realizações acemistas organizadas pelo Snr. Moreira, especialmente quando me pediu a elaboração de gráficos imagéticos porque esse meu Amigo conhecia a minha habilidade para o desenho.

Por seu amável convite colaborei, também no "Triângulo Vermelho" com uma secção de Escotismo.

No "Alex" tinha eu, por meu lado, um excelente auxiliar na direcção do "53", integrado como ele se encontrava no pensamento norteador do Escotismo.

Com a criação de novos Grupos de Escoteiros foi criada a Zona Norte da AEP, tendo o Snr. Moreira sido escolhido para Comissário da Zona, e ele, por sua vez, conhecedor do meu entusiasmo e capacidade de trabalho, nomeou-me seu ajudante, o que, apesar das responsabilidades daí advenientes, aceitei com prazer e orgulho, sobretudo por ver que da semente lançada à terra pelo antigo "7" muitos frutos se viam já na maturação.

O meu entusiasmo pelo Escotismo — alargado já pelo conhecimento adquirido dos movimentos estrangeiros através de numerosos livros que comprara, mas principalmente pela correspondência assídua com Escoteiros ingleses, espanhóis, franceses, norte-americanos, brasileiros, belgas e até um russo da Ucrânia! — incutiu-me no espírito a necessidade de dar ao Escotismo português impulso que impedisse a sua queda no marasmo e de o equiparar ao estrangeiro. E veio-me então à ideia elaborar normas regulamentares para Lobitos, Escoteiros e Seniores, trabalho a que me lancei com ardor e boa vontade, sendo tudo aprovado pela Direcção da AEP, que, pouco depois, entendeu dever conceder-me a medalha de Mérito, que me foi imposta solenemente pelo Comissário de Zona em formatura de cerimónia. Onde isto já vai!...

Noutra cerimónia, por ocasião duma comemoração de que me não recorda o fim, novamente o Snr. Moreira me impôs a medalha Lis de Prata, surpresa que me deixou profundamente emocionado por absolutamente inesperada. Sempre procurei trabalhar pelo Escotismo com absoluto desinteresse por prémios ou recompensas, a que fui sempre alheio. E se recordo estes dois factos, é precisamente para demonstrar até que ponto aquele meu querido Amigo me estimava.

Mas lá chegou uma ocasião em que, por precipitação minha e também, em parte, por má

continua na pág. 10



O GRUPO Nº 4, PORTO, EM ACTIVIDADE

Para prestação de provas de classe, este Grupo bivacou em 20 de Abril, no Monte Alto, S. Pedro da Cova. O lobito Mário Jorge Madureira Figueiredo prestou com êxito provas de sinalagem. O exercício terminou com um "raid" de 12 Km.

ACAMPAMENTO COMEMORATIVO DO 43º ANIVERSÁRIO

A fim de comemorar o seu 43º aniversário, o Grupo 4 realizou nos dias 24 e 25 de Maio, um acampamento na Arroteia da Areosa.

Do programa, constaram treino de primeiros socorros, transporte de feridos, sinalagem, sapador, cozinheiro.

Durante a festa de campo foram entregues primeiras estrelas aos lobitos Mário Jorge Figueiredo e Armando Pontes; a segunda classe aos escoteiros Fernando Coimbra Sores, Joaquim Manuel Rebelo Cruz, Maria Alice Pontes, Francisco Campos e José Luís Almeida.

O Chefe do Grupo aproveitou para distinguir os elementos mais antigos, aos quais entregou um pequeno símbolo comemorativo, tendo sido distinguidos os chefes Domingos Figueiredo e Francisco Ferreira, lobito Mário Jorge Figueiredo e os escoteiros Joaquim Manuel Cruz e Fernando Coimbra.

A terminar, foi servido um chá e bolos, sendo estes oferecidos pelos familiares dos escoteiros. Estes agradeceram entoando canções escotistas, que tiveram de ser repetidas à numerosa assistência. – – D. Figueiredo.

ACAMPAMENTO REGIONAL

A Região Norte da AEP realizou um acampamento em Lavadores, Vila Nova de Gaia, de 25 a 27 de Abril passado, num local esplêndido, com vistas maravilhosas e perto da praia.

Participaram representações dos grupos nºs 4, 17, 26, 33, 38, 41, 44, 53, 58, e 91, com um efectivo de cerca de 120 escoteiros.

Estiveram presentes os srs. ECs. Manuel Osório e Arnaldo Couto, respectivamente presidente da AEP e chefe da Região Norte. – *D. Figueiredo.*

PARA ONDE CONVERGEM OS RECURSOS HUMANOS?

Recentemente, o Papa João Paulo II, na Encíclica "Redemptor Hominis", 16, dizia: "Todos sabemos bem que as zonas de miséria ou de fome que existem no mundo seriam anuladas, num breve espaço de tempo, se os gigantescos investimentos em armamentos, que servem para a guerra e para a destruição, tivessem sido antes convertidos em investimentos para a alimentação da vida".

Ver, julgar e agir, é um velho método a aplicar no caso presente: Ver o problema da Fome no Mundo, julgar dos meios a debelar esse flagelo e agir com a aplicação dos recursos indispensáveis para o combater é o que importa.

Oxalá que as Organizações Internacionais se debrucem sobre este aspecto fundamental para a sobrevivência da Humanidade, a curto prazo, pois urge agir imediatamente. As superpotências possuem meios de destruição maciça. Praza a Deus que tenham o bom-senso de agir de conformidade com desejos de Paz e não de Guerra.

Muito há a esperar dos Jovens, pois deles depende o futuro do mundo. Dos seus conceitos de Moral, da sua capacidade em amar o que é belo, muito há a esperar, repito.

O Movimento Escoteiro tem tido e terá, cada vez mais, um importante papel no Mundo, pois, pelos seus princípios, contribui eficazmente para a Fraternidade entre todas as nações e raças humanas.

Que o ano de 1980, ano das Olimpíadas e dos Jamboris, traga o seu valioso contributo para a Paz mundial, são os votos sinceros deste escoteiro

Sempre Pronto para Servir,

Manuel F. B. Seno

Lisboa, 14 de Abril de 1980

DOMINGO DAS MÃES

UM DIA DIFERENTE

Chegámos ao quinto mês de mais um ano que decorre como tantos outros, mas o que importa é que é o mês de Maio, o mês das flores, um dos mais bonitos do ano e em que se celebra um dia especial que lembra alguém, um ser maravilhoso que muitos gostariam de ter ou poder ter perto de si e que não podem ou por já ter falecido ou por se encontrar longe.

É verdade, é o Dia da MÃE, palavra pequena que com três letras se escreve mas grande no seu conteúdo, dia este em que todas, mas todas sem excepção, devem ser lembradas.

Como é bom ter uma MÃE, aquela que nos dá o carinho e o apoio de que todos nós necessitamos e a compreensão que esperamos ter.

É habitual neste dia comprarmos-lhe uma lembrança, mas será isso que elas realmente merecem? Não é com certeza, há algo que é mais valioso e que podemos oferecer ou melhor devemos dar, algo feito por nós ou uma simples flor como prova do nosso amor e dedicação.

Recordo-me de um gesto que presenciei e que muitos gostariam até de ter praticado.

Uma senhora, mãe de 3 filhos, uma Mãe que tinha a felicidade de ter ainda a sua Mãe viva embora estivesse longe, passeava com a sua prol por um campo quando ao avistar um tufo de lindos lilases, resolveu apanhar uma braçada deles e voltou para a cidade. Ao passar junto do asilo, onde estavam muitos velhinhos a passear com os seus familiares no jardim soalheiro e colorido e, mais à frente, vendo junto duma cerca uma velhinha sentada numa cadeira de rodas só e afastada de todos os outros, dirigiu-se-lhe e deixou cair no seu colo o lindo ramo de lilases. A velhinha levantou os olhos e sorriu, conversaram por algum tempo e por fim separaram-se com a alegria estampada nos rostos.

Os filhinhos perguntaram-lhe: – "Mamãe, quem é aquela senhora? Porque é que lhe foi dar as flores? É mãe de alguém?"

A mãe apenas respondeu: – "Não a conheço, mas num dia como este não há nenhuma mãe que não gostasse de receber um ramo de flores".

continua na pág. 6

A morte de Eduardo Moreira

O MAIS ANTIGO ESCOTEIRO E O MAIS ANTIGO ACEMISTA PORTUGUÊS

Não tivemos tempo, no último número do nosso jornal, para mais do que noticiar o falecimento do nosso querido colaborador, Rev. Eduardo Moreira, ocorrida em 22 de Abril passado, porque não é fácil traçar a biografia de personalidade tão rica e tão multifacetada. Eduardo Moreira, apesar de autodidata, possuia admirável e profunda cultura.

Conversador inato, apaixonado da língua portuguesa, conhecedor do grego e do latim. Quando dirigia um diálogo – e era sempre quem o dirigia – pegava numa palavra, procurava o seu étimo, e, a partir daí, desenvolvia uma lição rica de conceitos, cuja sabedoria nos esclarecia e nos deixava presos de admiração.

Nasceu em Lisboa, em 26 de Fevereiro de 1886, e viveu a sua infância no centro da cidade, na rua do Duque, junto à estação do Rossio. Tinha, portanto, 94 anos de idade e manteve, até aos últimos dias, perfeita lucidez, discreteando sobre problemas da actualidade, trabalhando as palavras e arrancando delas todo o seu significado. Era um artista da palavra, quer falada quer escrita. Um humanista cristão muito fervoroso.

Assistiu, com doze anos apenas, à sessão inaugural da Associação Cristã da Mocidade de Lisboa, em 19 de Maio de 1898, e, na mesma, participou na fundação do primeiro grupo de escoteiros. Nunca mais se desinteressou dos dois movimentos. Teve três filhos: Gustavo, já falecido; Dr. Ernesto, médico distinto, e D. Elisama. Os dois primeiros foram escoteiros e a última guia, e muito honraram o Movimento.

Temos conhecimento de que em 1908 era já secretário da ACM de Lisboa. Em 1907, era redactor do mensário "O Mensageiro" e os editoriais deste órgão eram quase sempre de sua autoria, onde se revelava já a excepcional craveira do escritor que despontava.

Muito jovem, trabalhava no escritório de um seu amigo, o cidadão suíço Júlio Mange, sogro de Roberto Moreton, outro notável acemista escoteiro. Para se entregar inteiramente à vocação das letras e à pregação do Evangelho, deixou aquela profissão. Outro autodidata notável, fundador da ACM de Lisboa, o pastor José Augusto dos Santos e Silva, que tinha o condão de descobrir vocações, logo reparara no jovem Eduardo Moreira e desde cedo lhe transmitira saber e alimentara a fé. Em 21 de Setembro de 1913, era consagrado pastor da Igreja Congregacional de Braga. Estava traçado o rumo da vida de Eduardo Moreira. Pastor da Igreja Congregacional, mais tarde da Igreja Presbiteriana e, finalmente, presbítero e cónego da Igreja Lusitana.



Em 1905, publicou a sua primeira, por nós conhecida, obra literária "Pur Asbeston", um poemeto que se encontra esgotado.

A sua intensa actividade literária não mais cessou, afirmando-se em temas espirituais, sociais, históricos e outros, que culminaram em duas importantes obras: "Crisóstomo Português", elementos para a história do púlpito; e "Vidas Convergentes", história breve dos movimentos de reforma cristã em Portugal, respectivamente em 1957 e 1958. Colaborou efectivamente em duas das melhores enciclopédias portuguesas, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira e a Enciclopédia Internacional "Focus".

Em 1917, o Ministro de Guerra, Norton de Matos, nomeou-o capelão evangélico para França, missão que não chegou a cumprir em consequência da revolução de Sidónio Pais.

Em 1920, foi secretário da Presidência do Conselho de Ministros, no tempo do coronel António Maria Baptista e, em 1921, vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Esteve também na Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, onde a sua passagem deixou marca assinalável. Foi por seu intermédio que o Dr. Tovar de Lemos ingressou na Associação. É Eduardo Moreira quem conta: *Lembro que falei com o Dr. Tovar de Lemos acerca da necessidade de elementos prestigiantes na Direcção da AEP, quando dos directores antigos só eu restava com a Secretaria.*

Aceita a sugestão, trabalhámos juntos em muitas e muitas noites, e viemos a obter mais tarde a óptima colaboração de António Augusto Curson, saudoso amigo; Dr. J. Fontes, e depois Alberto Lima Basto e outros mais. O Dr. Tovar de Lemos tomou posse em 1921.

De 1922 a 1927, foi secretário-geral da ACM do Porto, onde realizou importante obra, fazendo regressar à associação muitos antigos membros e promovendo um trabalho social com ardinas, que conseguiu atrair à vida da ACM. Esteve também um mês como secretário da ACM de Coimbra, na ausência do secretário Stallings.

A ACM do Porto, em reconhecimento dos serviços que lhe prestou, rendeu-lhe homenagem nomeando-o sócio honorário.

Foi iniciativa sua a publicação durante três anos, a partir de 1920, da primeira série da revista "Triângulo Vermelho", que ele próprio enriqueceu da melhor colaboração. O Congresso da Aliança Nacional das ACMs, reunido em 1976, elegeu-o por aclamação Secretário-Geral honorário.

continua na pág. 8



A EXPOSIÇÃO DE RELATÓRIOS DOS JAMBORIS NO AR TEVE ASSINALÁVEL ÊXITO

Conforme *Sempre Pronto* noticiou, de 20 a 23 de Abril p. p., esteve patente ao público, nas instalações da ACM, na Rua de S. Bento, em Lisboa, em comemoração do aniversário do 1º Grupo dos Escoteiros de Portugal, uma exposição dos relatórios de todos os Jamboris no Ar em que têm tomado parte os grupos de escoteiros e guias portugueses. No certame, também se viam os numerosos cartões de QSL editados pelos grupos concorrentes, bem como muitas fotografias tiradas durante o o decorrer desta grande actividade mundial dos escoteiros.

No recinto da exposição, cujo objectivo era a divulgação do próximo JOTA, esteve a operar um posto de radioamador, o que permitiu a muitos dos visitantes tomarem consciência do que é e do papel que pode representar para o mundo a rádio na vida moderna, e do contributo dos movimentos guidista e escotista para o seu desenvolvimento, designadamente no nosso país.

A exposição, cujo aspecto e interesse cativavam o público, foi visitada por numerosos escoteiros, antigos escoteiros e filatelistas do tema escotista, pois ali funcionou, no Dia do Escoteiro, um posto dos CTT que apunha carimbos alusivos à data.

Entre os visitantes, recorda-nos ter visto o EC Manuel Osório, novo presidente da direcção da AEP, os chefes regionais do Norte, Arnaldo Eduardo Couto, e do Centro, Joaquim Garrett, o EC Manuel Velez da Costa, chefe nacional do CNE, e muitos dirigentes escotistas da AEP e do CNE, particularmente o chefe do grupo 24 da Madeira.

Na preparação desta exposição, regista-se a colaboração dada pela Organização Nacional do JOTA e pelo EC Manuel Pinto Sant'Ana.

As comemorações do aniversário do Grupo 1 prosseguiram no fim-de-semana 26 e 27 daquele mês, com um acampamento no Parque de Escotismo da Caparica, onde se realizaram animadas actividades escotistas, recreativas e desportivas.

GRUPO Nº 1

REUNIÃO DE PAIS

Na sede do Grupo nº 1, na ACM de Lisboa, efectuou-se em 24 do corrente uma reunião com os pais dos escoteiros, com a presença de cinquenta pessoas. Presentes a Direcção e a Chefia do Grupo.

O encontro teve manifesto interesse porque proporcionou larga troca de esclarecimentos acerca dos objectivos do Escotismo e também da ACM. Cada chefe das três Divisões, fez a apreciação dos trabalhos respectivamente com os lobitos, escoteiros e caminheiros, dando origem a um diálogo que contribuiu eficazmente para uma melhor compreensão mútua.

O escoteiro-chefe sr. Manuel da Silva Martins e o membro da direcção sr. Miguel da Silva Martins dirigiram algumas palavras aos pais presentes, esclarecendo as interrogações surgidas.

*

PROMESSA DE NOVOS ESCOTEIROS NO GRUPO Nº 48 – DAMAIA

Na igreja paroquial da Damaia, efectuou-se em 18 de Maio corrente, o solene compromisso de honra de novos escoteiros, na presença de muito público, familiares e delegações dos grupos nºs 2, 12, 19, 88, 93 e em formação em Mem Martins.

Foram os seguintes os aspirantes que ingressaram no Movimento: Alfredo de Sá, António Costa, Edgar Brandão, Guilherme Martins, José Coimbra, Luís Pinto, Luís Franco, Luís Gema, Paulo Teixeira, Tiago Moreno, Jorge Manuel, Elisabete Fernandes, Helena Cristina, Maria de Fátima, Maria Teresa Osório, Maria Leonor, Olívia de Jesus, Paula Alexandra, Maria João, Paula Peres e Fernanda Afonso. Prestaram também compromisso os seguintes novos caminheiros: Júlio Manuel, António Andris e Afonso Oliveira.

Também a Alcateia foi reforçada com os seguintes aspirantes: Célia Margarida, Mário Gema, João Gema e Pedro Peres.

Foram designados para cargos dirigentes os seguintes elementos: Sérgio Pinto, chefe de tribo; Camilo Gallego, chefe de Clã; Paula Peres, adjunta de Alcateia; Maria João, instrutora de Alcateia; João Ferreira, instrutor de Clã e António Andris, guia de equipa.

Foi exonerado de adjunto do Clã, o caminheiro Rui Adão Soares.

Ao acto assistiram os srs. presidentes do Município da Amadora e da Junta de Freguesia da Damaia, representantes da Região de Lisboa e Fraternal dos Antigos Escoteiros e do Clube Recreativo Jovens da Damaia.

Após a cerimónia, realizou-se uma festa no salão social da igreja, com a colaboração do Conjunto Cultural S. Jorge, que também actuou na igreja, e dos grupos nºs 88 e da unidade em festa.

Os prémios e insígnias foram entregues aos escoteiros pelos presidentes da Câmara e da Junta de Freguesia, E. C. Pedro Madeira, da Região de Lisboa; presidente e chefe do Grupo 48.

continuação da pág. 4

Lembrem-se de que o Escoteiro é amigo de todos... e que quem tem Mãe tem tudo e quem não tem Mãe não tem nada.

O Vovô

ADMINISTRAÇÃO

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Felizmente, os nossos leitores continuam a responder ao nosso apelo, fazendo remessa do valor de suas assinaturas. Agradecemos reconhecidos tão útil colaboração aos nossos Amigos, senhores:

ASSINANTES PATROCINADORES

Manuel P. Sá Viana	250$00
João Manuel Cardoso Rosa	300$00
Daniel Ribeiro Correia	400$00
Miguel da Silva Martins	200$00
Grupo Nº 48 dos A. E. P.	150$00
Ferraro Domenico	600$00

OUTROS ASSINANTES

Dr. Francisco Pessoa de S. Dias	100$00
Alberto Ferreira	100$00
Duarte Manuel Caetano	200$00
Dr. David Freire	100$00

Página do Escoteiro



PROCESSOS ELEMENTARES DE PREVISÃO DO TEMPO (1)

Desde longa data que o Homem procura desvendar, com antecedência, o tempo que sobrevém. Para tal, recorre a certos sinais que a observação da atmosfera e do mundo natural lhe proporciona, visto que o estado do tempo está intimamente relacionado com o comportamento atmosférico.

Os homens do campo prevêem, com alguma segurança, o tempo que se fará sentir a curto prazo, atentos, como estão, a esses avisos fornecidos pela própria natureza. Daí, a grande lista de aforismos que o povo criou e que tem nesta preocupação o seu escopo, tais como "dia de nevoeiro, dia calmeiro", "arco-da-velha na serra, chuva na terra","se vires um anel luminoso à volta do Sol ou da Lua, não sejas teimoso, não saias à rua", e outros. Tudo isto são exemplos das conquistas feitas pela sabedoria popular, acrisolada através dos séculos e instigada pela necessidade de se defender da adversidade climatérica, que tão graves danos causa.

No nosso cancioneiro escotista, possuímos uma canção que, nalgumas estrofes, alude à previsão do tempo. Trata-se do conhecidíssimo "Iucaidi", devido à pena laboriosa do grande amigo dos escoteiros – Eduardo Moreira – nosso saudoso colaborador. Eis essas estrofes:

Do sachém de pele vermelha
temos a ciência velha
que ensina a avaliar
o tempo antes de marchar.

Quando a relva tem orvalho,
a chuva não dá trabalho,
e a relva seca anuncia
que choverá nesse dia.

Se o rocio da noite banha
de noite as teias de aranha,
eis um sinal de primor
de que vai fazer calor.

Que faça bom tempo ou não,
sempre canta o coração;
Olhar vivo e pé ligeiro
são o mote do escoteiro.

Estes versos equivalem, portanto, a verdadeiros rudimentos da arte de prever o tempo.

Reconhece-se que os recursos de que qualquer pessoa hoje dispõe tornam quase dispensável a observação desses pequenos fenómenos naturais para a previsão meteorológica. Modernamente, qualquer que seja o local onde nos encontremos, é possível, desde que estejamos munidos de um receptor de rádio, escutar, a determinadas horas, os boletins meteorológicos, fornecidos por institutos, providos das últimas inovações em aparelhagem, com acesso a fontes de informação especializada sobre o que se passa em vastas áreas da Terra, graças a equipamento de alto nível técnico e a pessoal qualificado. Tal não obsta, porém, a que, quem viva ao ar livre, verifique ele próprio a ocorrência de determinados fenómenos, reflicta de imediato sobre esses factos e infira, mediante eles, das condições de tempo que podem ir ocorrer, em curto espaço de tempo, nesse preciso local, tanto mais que a previsão das condições de tempo fornecida pelos organismos oficiais nem sempre corresponde exactamente ao tempo que fará em determinado lugar, visto que ela se alarga, como é óbvio, a todo o país ou, pelo menos, a espaço que abrange vastas regiões do país.

Nesta ordem de ideias, e a fim de que cada qual esteja prevenido para captar essas noções espontaneamente oferecidas, vamos fornecer alguns dados que podem ser obtidos, quer pela observação da natureza, quer pela consulta de aparelhagem cuja obtenção seja de certo modo acessível a boa parte dos nossos leitores.

A previsão do tempo pode ser efectuada segundo três modalidades:

– a curto prazo (geralmente nunca excede as 36 horas);
– a prazo ampliado (pode ir até 1 mês);
– a longo prazo (estado do tempo provável, previsto com semanas ou meses de antecedência).

É óbvio que, com os meios de que nos vamos servir, as previsões só podem ser feitas a prazo bastante curto (algumas horas de antecedência, no geral), daí a razão do título que encima estas linhas.

Comecemos a falar, sem a preocupação de esgotar o assunto, da previsão do tempo baseada na observação de fenómenos naturais.

1. PREVISÃO DO TEMPO ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO DA NATUREZA

a) Pelo comportamento dos animais

Certos animais possuem sensibilidade tão apurada que lhes permite conhecer, com maior antecedência que o homem, uma mudança nas condições de tempo. Por isso, pela observação das atitudes que aqueles animais estão assumindo adquire-se valioso indício quanto ao tempo que em breve se fará sentir. Eis algumas dessas manifestações:

Sinais de bom tempo

– As abelhas e as vespas aparecem em grande número e mostram-se muito operosas logo pela manhã.
– As cigarras cantam.
– Os bezoiros zunem.
– As moscas voam depois do sol-posto.
– As aranhas afadigam-se a tecer a teia.
– Os peixes saltam.
– As rãs conservam-se mudas.
– As andorinhas voam a elevada altitude.
– Os morcegos voam até adiantada hora da noite.
– Se os pássaros cantam quando chove é sinal de que o mau tempo vai passar.

Sinais de chuva

– As andorinhas voam baixo, revelam inquietação e piam.
– Os patos agitam-se e mergulham nos tanques.

continua na pág. 10

continuação da pág. 5

A MORTE DE EDUARDO MOREIRA

Enquanto esteve no Porto, foi chefe de zona dos Escoteiros de Portugal e da sua acção nos fala o seu grande amigo Professor António Álvaro Dória, que com ele colaborou.

Viajou muito. Participou em congressos.

Em 1922, esteve em Nimes, França, na Conferência dos Dirigentes dos Países Latinos das ACMs; em 1929, no Congresso Evangélico Espanhol, que reuniu em Barcelona, e em 1932, no Rio de Janeiro, no Congresso Mundial das Escolas Dominicais. Em 1934, fez uma viagem por Angola em visita às missões evangélicas.

Foi professor do Seminário Evangélico Presbiteriano, durante vários anos, nas cadeiras de Poiménica e Homilética.

A sua colaboração literária era constantemente solicitada. Escreveu em muitos jornais, nomeadamente no "Portugal Novo", "Amigo da Infância", "Raio de Sol", no "Despertar" e no "Novo Despertar", no "Portugal Evangélico". "Sempre Pronto" honrou-se em inserir muitos e belos artigos seus. Durante algum tempo publicou nestas páginas "Poemetos Filatélicos", do comentário às emissões postais comemorativas. Em certa altura, os Correios emitiram um selo comemorativo da Senhora de Fátima, o que o colocou em situação crítica. Espírito muito tolerante, verdadeiramente ecuménico, não poderia escrever um "poema" com comentário favorável, mas também não desejaria produzir qualquer crítica menos respeitosa. Trocou impressões com a Redacção e sugerimos que omitisse o selo, pois certamente ninguém faria reparo nisso, já que havia atraso em relação às datas de emissão. Assim não aconteceu. Os poemetos eram lidos e apreciados. Houve uma senhora que o interrogou pela omissão. Eduardo Moreira escreveu então um poema dedicado a esse selo, que não publicou, mas ofereceu à leitora interessada. Damo-lo agora à estampa porque revela muito do carácter tolerante e honesto do seu Autor.

Fez muitas conferências. A Liga Portuguesa de Profilaxia Social publicou uma conferência feita na sua sede no Porto sobre "A Língua, Espelho do Povo". A Sociedade da Língua Portuguesa inseriu no seu boletim duas conferências feitas na sua sede; a Aliança Nacional das ACMs publicou a sua conferência "A Questão Ibérica na Perspectiva Judeo-Cristã e Islâmica". Em 1974, o Rev. Moreira fez um oportuno discurso na Catedral de S. Paulo sobre "Relação da Religião com a Política", que no ano seguinte o "Portugal Evangélico" publicou em separata.

Poemeto filatélico (fora de série)
em face do selo comemorativo
de Fátima (lenda marial)

A cabeça de Maria
Onde uma coroa brilha
(Quando ela trouxe, algum dia,
Provavelmente uma bilha),

Não tem qualquer semelhança
Com a da jovem fiel
Chamada a ser Mãe, na herança
Cumprida no Emanuel.

Lá na Cova da Iria
A multidão se comprime
Procurando, em agonia,
Não a graça que redime
(Pois não tem sido ensinada).
Mas por sofrer, pobre gente,
Vai desejar ser curada,
Reza ao ídolo "inocente"...

Se é errada a fraca prece,
Só Deus quem se compadece!

Eduardo Moreira

No antigo regime, a Censura tratou-o com a habitual severidade. Em 1966, cortou integralmente um artigo sobre "Gil Vicente e a Reforma". Eduardo Moreira não hesitou: publicou o trabalho em opúsculo e ofereceu um exemplar a Marcelo Caetano, com o apontamento de que tinha sido cortado pela Censura, mas que "não sabia porquê". O então Presidente do Conselho agradeceu cortêsmente e respondeu:

"Eu também não!". Convém acrescentar que as relações entre ambos vinham do tempo das actividades escoteiras.

Enquanto os seus médicos lhe permitiram, e já jubilado, continuou a subir ao púlpito. Começava geralmente os seus sermões com palavras carinhosas dirigidas especialmente às crianças, para as compensar do pouco interesse que para elas teria a homilia.

Em 1959, publicou um livro de poesia sob o pseudónimo E. M. Pèrenoel, nome carinhoso que lhe era carinhosamente atribuído, segundo parece, por familiares suíços por afinidade, com o título de "Campo de Concentração, mil e um versos de dor e esperança".

Nos últimos dias de sua vida, ainda uma revista médica de geriatria entrevistou o venerável ancião, que, com a sua habitual lucidez e espírito esclarecido, respondeu às perguntas formuladas.

Também há poucos anos atrás criou um movimento conhecido por "Gecip-Grupo Interconfessional Português", tendo reunido em sua volta colaboradores de diversos sectores. Este Grupo, sob sua direcção, servia especialmente para intervir em diversos actos da vida pública louvando, apoiando, discordando ou contestando numa acção de elevado nível espiritual.

A morte de sua mulher ocorrida em Agosto de 1979, constituiu para ele rude golpe, que marcou a sua decadência.

Foi grande perda a morte de Eduardo Moreira, mas devemos render graças a Deus pelo privilégio de termos podido gozar da sua amizade e apreciado as suas lições durante tão longa vida, sempre lúcido e brilhante. Apesar da idade, a sua grafia era elegante e firme, imagem perfeita do seu carácter. A sua obra permanecerá como testemunho sempre presente de fé e amor ao trabalho, dedicação constante ao estudo. Tivera sido diferente a sua posição ideológica e o seu nome teria sido proclamado pelos areópagos. Assim, culto e humilde; sincero e de fé inquebrantável, tinha a satisfação de usufruir da simpatia de figuras ilustres de todas as crenças e confissões, de todos os sectores do pensamento, que o admiravam e não lhe negavam a sua estima.

*



CORONEL FERNANDO DA SILVA CAETANO

Em 10 de Maio findo, foi sepultado no talhão dos combatentes no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa, o sr. Coronel Fernando da Silva Caetano, de 73 anos de idade, assinante deste jornal desde o primeiro número e sócio do Grupo nº 94 há mais tempo ainda. Era um admirador do Escotismo e um amigo dedicado.

"Sempre Pronto" apresenta sentidas condolências a toda a família, particularmente a sua desolada viúva sra. D. Alzira da Glória Caetano.

NOVAS 24

A/C JOÃO NUNES

25ª FESTA DA FLOR

Este ano, ao invés do anterior, só a Associação dos Escoteiros de Portugal participou através do Grupo nº 24, do Funchal, na 25ª Festa da Flor, uma actividade do Ateneu Comercial do Funchal. A festa realizou-se de 12 a 16 de Abril, tendo os rapazes do "24" honrado o seu uniforme, prestando o habitual serviço de vigilância, que lhes vem sendo destinado. Este evento, destina-se a promover a Flor Madeirense em que se defrontam em concurso as orquídeas, sapatinhos, estrelícias e rosas. Este ano surgiu como novidade uma grande e maravilhosa colecção de mini-cactos, que mereceu atenções gerais.

VIII CONFERÊNCIA NACIONAL DA AEP

A Chefia do Grupo 24, representada por Filipe Abreu Faria (escoteiro-chefe) e Miguel de Freitas, esteve presente nos dias 19 e 20 de Abril, na 8ª Conferência Nacional de Dirigentes da AEP, dando assim o seu contributo para uma vida nova da Associação.

23 DE ABRIL – DIA DE SÃO JORGE

O Grupo 24 realizou um jogo e acantonamento com concursos interpatrulhas, dirigidas pelo seu Chefe de Tribo, Espinho Andrade, assinalando o Dia do Escoteiro.

1º DE MAIO – – DIA DO TRABALHADOR

A convite do Governo Regional da Madeira, os elementos do grupo participaram na festa do trabalhador madeirense, que se efectuou no sítio Montado do Pereiro, na missão de orientação e assistência à população presente. Também no Colégio do Infante, no sítio do Monte, os escoteiros do 24 deram o seu contributo junto de idêntica festa que ali se realizou. – – J. Nunes

*

ESCOTISMO EM LAMEGO

O GRUPO Nº 49 EM ACTIVIDADE

Comemorando o seu IV aniversário, o Grupo nº 49 dos Escoteiros de Portugal, desta cidade promoveu várias iniciativas, entre as quais se destaca a exposição fotográfica e documental das suas actividades e realizações num dos salões do Castelo; convívio com a participação de grupos amadores da Cidade; compromisso de honra, realizado na igreja do Convento de S. Francisco, dos futuros dirigentes do Grupo de Valdigem; o grande jogo de cidade "Conheces a tua Terra?", e o almoço de confraternização num dos restaurantes da Cidade, com a presença de inúmeros convidados e familiares.

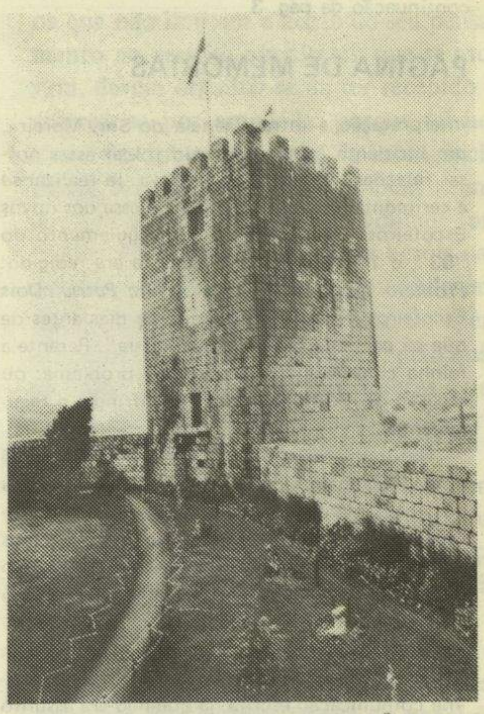
Estiveram presentes delegações dos Grupos de Escoteiros de Armamar, Castro Daire, Cambres, Moimenta da Beira e ainda dos Grupos em organização em Caldas do Moledo, Folgosa do Douro, Vila Real e Britiande.

Durante o sábado e domingo, centenas de pessoas visitaram o Castelo e admiraram a organização escotista da exposição e ainda o arranjo do Castelo e zona protegida pelos Escoteiros, que em boa hora os Monumentos Nacionais lhes confiaram.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LAMEGO ELOGIA O TRABALHO DOS ESCOTEIROS NO CASTELO DA CIDADE

Mais de cem pessoas, de todas as camadas sociais, efectuaram uma visita cultural ao Bairro do Castelo de Lamego. O Presidente da Câmara fez o elogio do Grupo nº 49. O semanário "Voz de Lamego", no seu número de 1 de Maio passado, refere-se assim ao acontecimento:

"Em frente da Torre de Menagem, antes de se entrar na Praça do Castelo, o presidente da Câmara teceu um elogio muito merecido ao Grupo de Escoteiros de Portugal e ao seu chefe Humberto Costa, a quem apelidou de "alcaide do Castelo" pelo arranjo, cuidado e interesse manifestado por toda esta zona que em boa hora lhes foi confiada. E disse: "Cuidam com um tal esmero da cisterna, do Castelo e da primitiva Sé, que o próprio director dos Monumentos Nacionais lhes tem tecido os mais rasgados elogios".



Castelo de Lamego - Sede do grupo nº 49-AEP

Acentuou que este arranjo do Castelo é assim todos os dias.

Na Praça do Castelo, os prof . Lopes e Melo e ainda Humberto Costa deram as explicações do antigo e actual Castelo, onde está instalada a Sede do Grupo nº 49 dos Escoteiros de Portugal.

O chefe do Grupo de Escoteiros aproveitou para comunicar que, dentro de breves dias e após a boa colaboração dada pela Câmara e pela E. D. P., a Torre de Menagem do nosso Castelo irá ser iluminada com potentes projectores eléctricos, notícia que todos os visitantes aplaudiram com entusiasmo.

*

DOS AMIGOS DE "SEMPRE PRONTO"

NASCIMENTO – Ao lar dos nossos amigos Sra. D. Isabel Cardoso Navarro e Joaquim Navarro, este, colaborador das nossas oficinas, chegou em 4 de Maio o seu primogénito, o Pedro Miguel, a quem desejamos muitas felicidades. Parabéns aos papás.

continuação da pág. 3

PÁGINA DE MEMÓRIAS

interpretação e intransigência do Snr. Moreira, um incidente inesperado veio toldar essas nossas relações que eu tanto prezava. Ia realizar-se a cerimónia da prestação da Promessa dos novos Escoteiros. De acordo com o regulamento do "53", o 1º artigo dessa Promessa era redigido: *Prometo amar a Deus e a minha Pátria.* Dois Escoteiros irmãos informaram-me dias antes de que só prometeriam "amar a Pátria". Perante a minha consciência levantou-se o problema: ou recusar os recém-chegados ou infringir o regulamento..

Naturalmente um Grupo de Escoteiros não é uma unidade militar sujeita à disciplina rígida dos regulamentos, mas um agrupamento de jovens que fazem a sua aprendizagem de homens livres e cidadãos conscientes e responsáveis. Não querendo decidir o caso por mim só, procurei o Snr. Moreira: não o encontrei e com tanta infelicidade que não o pude ver até chegar o dia da Promessa. Preocupado, não me ocorreu deixar-lhe comunicação escrita, já que não era assunto para tratar telefonicamente. E assim só no dia da Promessa o pude informar. Não era a ocasião mais indicada.

Os rapazes prestaram a Promessa nos termos devidos, com excepção dos dois irmãos. Dois dias depois recebi carta do Snr. Moreira a censurar-me pelo ocorrido e a informar-me de que eu perdera a confiança da Direcção da ACM, o que equivalia, naturalmente, a um despedimento em forma. Foi um golpe severo para mim: a consciência acusava-me de culpa, mas a minha dignidade de homem e de Escoteiro sentiu-se ferida no mais fundo do seu íntimo, pelo que apresentei a minha demissão de chefe do "53" e simultaneamente de sócio da ACM, sendo nisso acompanhado espontaneamente por todos os rapazes.

Reconstituído o Grupo noutro local, a intempestiva intervenção dum elemento da AEP, instalado recentemente no Porto e havia sido castigado com suspensão por um ano, forçou-me a abandonar definitivamente o Grupo e as actividades escotistas para sempre.

Os anos passaram. A vida levou-me a fixar residência em Braga. Não voltei a ter notícias do Snr. Moreira até ao momento em que o soube regressado duma viagem à África e instalado em Lisboa sua terra natal. Escrevi-lhe então uma longa carta a recordar o passado e a amizade que eu lhe votara e apesar de tudo não esquecera. Reataram-se as nossas relações, que se mantiveram até há cerca de 4 meses, quando recebi a sua última carta.

Um dia tive o imenso prazer de voltar a vê-lo e abraçá-lo nesta cidade, aonde ele viera em excursão. Anos depois, indo a Lisboa, procurei-o com minha filha na casa das Janelas Verdes, onde ele residiu durante anos, e ali palestrámos longamente.

De quando em quando oferecia-lhe os livros e opúsculos que ia publicando, e ele, por sua vez, nunca se esquecia de me oferecer, com desvanecedoras dedicatórias, os frutos do seu espírito. As suas cartas, que guardo religiosamente, vinham sempre cheias de optimismo, pois este ancião, que ultrapassara a 9ª década da vida, era um espírito cheio de juventude comunicativa.

Depois foi o fim. E quando o meu amigo e camarada Eduardo Ribeiro me anunciou que o Rev. Moreira se encontrava na agonia, ocorreram-me subitamente à memória todos os episódios dessa remota época dos anos 20 que sempre recordo com saudade. Estou crente em que este recordatório exposto com singeleza poderá contribuir para completar o que outros possam dizer acerca do homem de carácter forte que foi o Rev. Eduardo Moreira.

A. Álvaro Dória
E. C. D.

---

continuação da pág. 7

– Os pombos tardam a regressar.
– As baratas mostram-se alvoroçadas.
– Os gatos cuidam do pêlo.
– As vacas cheiram o chão.
– Os pavões gritam.
– As abelhas não se afastam da colmeia.
– As moscas tornam-se anormalmente incomodativas e não saem de casa.
– Os porcos grunhem.
– Os galos cantam mais alto que habitualmente.
– As galinhas espojam-se na terra.
– Os ratos mostram-se silenciosos
– Vêem-se, à noite, muitos sapos.
– As rãs coaxam ininterruptamente e saem da água.
– Saem da terra os vermes.
– Os peixes saltam fora de água.

b) Pelo aspecto das plantas

Sinais de bom tempo

– A flor da azeda abre-se.
– A nigela-dos-campos inclina-se (vai haver calor).

Sinais de chuva

– As hastes dos trevos endireitam-se.
– Os lírios fecham-se.
– A flor da leituga abre-se.
– As campainhas (flores) fecham-se.

Sinais de frio

– A nigela-dos-campos ergue-se.

Sinais de tempestade

– As folhas das azedas levantam-se e as flores fecham-se.

c) Os aforismos e a previsão do tempo, pela observação dos animais

Como já tivemos ensejo de dizer, os aforismos são verdadeiros repositórios da sabedoria popular. Nessas curiosas expressões está reunido o produto do trabalho de observação e da experiência de gerações.

Desde recuados tempos que o Homem tem tentado desvendar, entre outras coisas, o estado do tempo, isto porque a ocorrência de inesperadas intempéries representa, para ele, muitas vezes, incalculáveis prejuízos. Para obviar a esses inconvenientes, tende a prever as precipitações e outros fenómenos atmosféricos. Com essa finalidade, observa não só a Lua e o Sol, mas também outros astros e meteoros. O exame da abóbada celeste ainda lhe faculta outros conhecimentos, quer se apresente limpa ou com nuvens e, neste caso, há que levar em conta o aspecto destas, bem como a sua cor, configuração e altitude (factores que ainda hoje são de grande utilidade na previsão do tempo). O vento e a chuva são índices igualmente de muito interesse.

À experiência colhida por mor dessas observações se deve grande quantidade de aforismos, os quais decerto que encerram ensinamentos de interesse e valor cultural, mas que não devem, por esse facto, ser aceites indiscriminadamente, visto provirem de normas empíricas, por isso nem sempre dotadas de suficiente crédito.

Eis uma relação, por certo incompleta, dessas curiosas e pitorescas demonstrações da sabedoria popular:

– Sapo a cantar e toupeira a minar, deixa chover e senta-te no lar.
– Sapo que salta, água não falta.
– Pomba a folgar, serenidade no ar.
– Tarda a pomba a recolher: está Deus para chover.
– Se as andorinhas partirem em Outubro, seca tudo.
– Aranhas por fora, não tarda a chuva uma hora.
– Dia de S. Brás *(1)*, a cegonha verás; e se a não vires, o Inverno vem atrás.
– Formiga aguçosa, chuva à porta.
– Dia de cuco, de manhã molhado, à noite enxuto.
– Gaivotas em terra, sinal de mau tempo.
– Morcego à noitinha, bom tempo adivinha.
– Quando aparecem os peneireiros, é costume dizer-se: temos chuva.

(1) Dia 3 de Fevereiro.

(continua)

Pinguim do Meio-Dia



17 – 6/8/1962 – LISBOA

II Exposição Nacional do Selo Escoteiro
Lisboa, 6 a 11 de Agosto de 1962.
Sobrescrito Comemorativo: Edição da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

NOTAS:

1. - Esta exposição era para ser inaugurada no dia 25 de Julho, motivo por que os C.T.T. fizeram circular uma informação com o carimbo datado de 25 de Julho de 1962;

2. - A organização pertenceu à Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, patriocinada pelos C.T.T., Clube Filatélico de Portugal e mensário escotista "Sempre Pronto";

3. - A I Exposição Nacional do Selo Escoteiro realizou-se de 1 a 8 de Dezembro de 1957, em Vila Real de Santo António, organizada pelo Grupo nº. 60, da A.E.P. A exposição teve o patrocínio do Clube Filatélico de Portugal e do mensário "Sempre Pronto", tendo sido integrada nas comemorações do Dia do Selo. Não foi requerido carimbo comemorativo.

18 – 5/4/1964 - LISBOA

Exposição Filatélica do II Grupo dos Escoteiros de Portugal.
Sobrescrito comemorativo: Edição do Grupo.

19 – 23/8/1964 - COVILHÃ

XII Acampamento Nacional do Corpo Nacional de Escutas
Teixoso, 21 a 31 de Agosto de 1964.
Sobrescrito comemorativo: Edição do C.N.E..

20 – 23/8/1964 - SANTO ANTÓNIO - (Costa de Caparica)
Acampamento Nacional do Jubileu - (IX Acampamento Nacional da Associação dos Escoteiros de Portugal).
Santo António de Caparica, 21 a 31 de Agosto de 1964.
Sobrescrito comemorativo: Edição da A.E.P..

21 – 14/8/1966 - FÁTIMA

Primeiro Encontro Nacional de Dirigentes do Corpo Nacional de Escutas.
Fátima, 13 a 15 de Agosto de 1966.
Sobrescrito comemorativo: Edição do C.N.E..



18 – A HISTÓRIA E AS CARACTERÍSTICAS DE UM MOVIMENTO, por David Freire. Ed. da Aliança Nacional das ACMs de Portugal. Lisboa. s. d.

Todo o mundo em Portugal, pelo menos de nome, conhece a ACM, embora, por estranho que pareça, nem todo o mundo saiba qual é o seu papel e, menos ainda, a sua origem. Pois há agora ao alcance de toda a gente, um livrinho de distinta apresentação, escrito em linguagem corrente e escorreita (e é isto, nos dias que correm, o seu maior mérito, quando a cada passo deparamos a nossa querida Língua estropiada e maltratada, até por quem socialmente ocupa posição de relevo e exerce funções de responsabilidade), livrinho cujo objectivo é exactamente explicar qual a função do grande Movimento internacionalmente conhecido pela sigla YMCA correspondente à portuguesa ACM, sigla esta, a nossa, que por felicíssimo acaso traduz em três letras essa finalidade: acompanhar a juventude no revigoramento da A(lma), do C(orpo) e da M(ente).

Este admirável Movimento é uma entre as grandes criações que o malsinado século XIX – o século de Pasteur, de Bell, de Edison, de H. Dunant e de tantos outros que ilustraram a Ciência de variadas maneiras – nos legou, herança de que todos, os que não limitam a acção do seu pensamento ao restrito círculo em que se movem, devem orgulhar-se de ter recebido e esforçar-se por ampliá-la, porque tal herança foi sobretudo fruto da inteligência desses homens, sim, mas também acima de tudo da sua vontade, essa vontade forte que no passado originou os heróis nas guerras, mas neste conturbado século em que vivemos deve estar na base do aperfeiçoamento moral do Homem, pelo qual se bateu, como tantos outros antes dele, esse torturado idealista que foi Antero de Quental.

Pois não há negá-lo – a ACM é o grande motor que pode e sabe transmitir à juventude os meios de alcançar essa força de Vontade que, tal como a Fé, pode mover montanhas.

Neste opúsculo de 77 páginas expõe o ilustre A. tudo aquilo que qualquer pessoa pode ficar a saber acerca do papel da ACM no Mundo desde que há mais de século e meio um jovem idealista e cheio de fé lançou os fundamentos de uma organização que hoje se encontra instalada em mais de 90 países dos cinco continentes.

Como portuense, que se orgulha de ter nascido no início deste século na "cidade onde teve origem, como é fama, o nome eterno de Portugal", desde que um dia, na minha remota mocidade, entrei na ACM, senti íntima satisfação com saber que foi o Porto a cidade portuguesa onde se instalou pela primeira vez a 1ª ACM de Portugal. E porque tive a oportunidade de *viver* a vida da associação "tripeira", a leitura do livro do Dr. D. F. constituiu para mim um recordatório saudoso desses admiráveis anos 20 deste século, quando o coração pávido dos homens começava, supunha-se ingenuamente, a tranquilizar após a I Grande Guerra, esse tufão mortífero que desabou inclemente sobre a Terra entre 1914 e 1918, e todo o mundo acreditava viesse a ser a última das guerras...

O RATO SÁBIO



DE MÊS PARA MÊS



AMIGOS DA NATUREZA

Os problemas ecológicos têm, nos dias de hoje, grande oportunidade. Muita gente se interessa pela Natureza, com o que muito nos congratulamos.

Mas é também com muita satisfação que verificamos terem sido os Escoteiros os pioneiros deste movimento, o que mais uma vez se ficou a dever à inspiração de Baden-Powell.

A Lei do Escoteiro estabelece desde a primeira hora que o *Escoteiro ama os animais e as plantas* e as normas de campismo orientam desde sempre o rapaz para a protecção da Natureza; a absoluta limpeza dos locais de acampamento; o respeito pela árvore, pelas plantas, por todos os animais.

Agora, que toda a gente fala em Ecologia, nós, Escoteiros, temos de aprimorar a nossa posição. Teremos de continuar a ser pioneiros.



CORRIGENDA

A autoria das fotografias publicadas no último número de "Sempre Pronto", com a reportagem do I Jambori da Saudade, foi por lapso atribuída ao nosso companheiro Manuel Pinto Sant'Ana, quando efectivamente o seu autor foi outro nosso companheiro, Ferrer Segismundo Monteiro.

Convém esclarecer que as fotografias são de boa qualidade e que a má reprodução nas gravuras se ficou a dever ao facto das fotos serem de cores.

Pedimos desculpa do lapso.

RECORDANDO COM OPORTUNIDADE

De "O Escoteiro" – Orgão oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal – Julho de 1923.

DUAS PALAVRAS

Dr. João de Barros
Secretário-Geral do Ministério da Instrução

Porque me tornei eu um defensor e propagandista do escotismo em Portugal? Porque entendi ser o escotismo uma nobilíssima escola de disciplina moral e física, um factor e fautor da saúde da raça e o mais útil ensinamento que se pode dar à juventude da nossa terra.

Educando o carácter e adestrando o corpo, o escotismo realiza o que ainda hoje não passa de longínquo ideal na grande maioria dos nossos estabelecimentos de ensino: – criar cidadãos. Cidadãos aptos a contribuir para o bem-estar da colectividade e para o engrandecimento da Pátria – pela devoção, pelo espírito de sacrifício, pela alta e pura noção dos seus deveres e obrigações.

Infelizmente, o escotismo ainda é hoje mal interpretado ou mal aceite entre nós. Erro grave da consciência colectiva, ignorando que ele traz em si o que essa consciência pede e reclama: – ordem, solidariedade e justiça. Mas é de esperar que um dia, breve, os pais portugueses compreendam que ser escoteiro é um título de honra para os seus filhos: – pois significa, essencialmente, que os rapazes, que o merecem, desde crianças se habituaram a dispor a sua inteligência para as lutas mais elevadas e para o trabalho mais são.

*

EFEMÉRIDES

JUNHO

Dia 15 - 30º aniversário do auto de posse dos primeiros Corpos Gerentes da Fraternal dos Antigos Esteiros de Portugal.

Dia 22 - 47º aniversário do Grupo nº 52, de Angra do Heroísmo.

Dia 23 - 51º aniversário do Grupo nº 84, do Entroncamento.

Dia 24 - 46º aniversário do Grupo nº 93, de Sintra.

25º ANIVERSÁRIO DO GRUPO nº 8 AEP

Nas efemérides referentes a Maio, dissemos que em 1 se comemorava o 22º aniversário do Grupo nº 8, de Lisboa, quando deveríamos dizer 25º aniversário.

Agradecemos ao nosso companheiro Joaquim Tavares de Oliveira a sua chamada de atenção.



COBRANÇA DE ASSINATURAS

RECIBOS DEVOLVIDOS

No último número, inserimos uma lista de assinantes, cujos recibos não puderam ser cobrados por não terem sido encontrados os respectivos assinantes.

Inserimos aqui mais alguns nomes e a todos fazemos um especial apelo para que nos remetam os respectivos valores:

BRAGA

Junta Regional do C. N. E. 1980
José Maria Ferreira da Rocha . . . 1977/8/9/80
Padre Américo Ferreira Alves 1979/80

PORTO

António Ferreira da Silva 1980
António Lopes Madureira 1977/8/9/80
Arnaldo Eduardo Couto 1980
Arnaldo Pinto 1980
Associação dos E. P. – R. N. 1980
Dr. Fernando de Meira Ramos 1980
Grupo 4 dos Escoteiros de Portugal . 1979/80
Joaquim José Moreira Alves 1979/80
Jorge Dias Fernandes 1979/80
Mamede Orlando T. Martins 1980
Manuel Eduardo Agordela 1977/8/9/80
Manuel de Sousa 1979/80
Paulo Araújo D. Leitão 1978/9/80
Paulo César de Sousa 1977/8/9/80
Pedro Afonso Guerra 1979/80
Reverendo Vidal Vieira dos Santos . . 1979/80

AMADORA

Carlos Alberto Lônet 1979/80
Carlos José Trigo 1979/80
Jaime Eduardo do Nascimento Raposo . 1980
João Carlos Catarino 1979/80

N. B. Temos ainda diversos recibos de Lisboa, cuja liquidação solicitamos e agradecemos.